

# caderneta de campo

SÉRGIO ARRUDA DE MOURA

**Editora Penalux**  
Guaratinguetá, 2023

## Preâmbulo

Tentei não ser pessoal tanto quanto temia Clarice quando aceitou ser cronista. E o resultado? Bem, resolvi chamar simplesmente de crônicas. São, na verdade, uns textos de natureza diversa, publicados sob essa proposta no jornal *Folha da Manhã*, de Campos-RJ, na seção intitulada “Paralaxe”, entre 2012 e 2020.

Debrucei-me sobre um arquivo de cerca de 400 textos publicados nesses oito anos buscando apenas aqueles em que me faço mais presente a partir de uma emoção mais qualificada. Expressam, assim, uma visão de coisas, objetos e episódios que de alguma forma me assombraram, me despertaram a curiosidade, me assaltaram a lembrança, me instigaram a palavra, daí o seu caráter incerto, pessoal, físgados da memória e do meu cotidiano, com toques de pesquisa em leituras diversas.

Com elas, levei adiante um exercício de escritura buscando alguma coisa na entrelinha. E tudo isso a partir de uma *caderneta de campo*, fiel companheira minha de todas as horas e de todos os cantos.

Expressam, por fim, possibilidades do olhar de quem confia na palavra como veículo de esclarecimento e concórdia, mas, sobretudo, de alerta às coisas do mundo.

Espero identificação, ou réplicas, pois adoro histórias de mim e de si mesmos. Dito isto, só posso desejar boa leitura a todos e a todas, embora o ideal é que cada um venha, algum dia, a se reconhecer na sua própria história, da qual é o único autor.

O AUTOR

## Bar e liberdade

---

13 de julho de 2012

Na semana passada, fui com amigos a um bar tomar cerveja. Elogiamos o bar — modesto como deve ser todo barzinho, agradável, e muito bem transado com iluminação adequada e mobília honesta, de madeira, com bancos longos acompanhando a extensão da mesa. Contava também com bancos altos em torno de mesas adequadas para apoiar apenas os copos e os petiscos. Há até uma mesa encostada num canto com sofá, estilo *lounge*, e mais outras mesas e cadeiras avançando na calçada. Nada mais típico para um bar minimamente... estiloso.

Os petiscos, listados nos cardápios sem grandes surpresas, são igualmente honestos, servidos por garçons não profissionais, mas bem simpáticos e atenciosos, um deles estudante de sociologia que não se furta a se entrosar com os clientes da casa.

Apreciamos uma televisão de led, com imagens de jovens praticando esportes finos, tipo *ski* na neve, *kitesurf* e *surf* nas ondas, com música de embalo que vinha de outra aparelhagem de som. O lugar: uma esquina fora do circuito comercial da cidade, mas não tão isolado deste — enfim, ideal para que um bar nesse estilo possa cumprir sua proposta de isolar-se do

mundo circunstancial e padrão, e atrair o diferencial. Afinal, os bares informam que tipo de clientela querem receber.

Alguém duvida da importância e presença firme do barzinho na formação do jovem e do pós-adolescente urbano? Pensemos na função que o bar desempenha nessa importante etapa de amadurecimento do jovem. Não será necessário opô-lo à rua ou à escola, na sua formação extradoméstica e familiar: eles se completam. A rua, apesar de muito anônima, funciona em planos mais gerais, como um cartaz luminoso, apenas provocante. Já a escola, lugar de busca, de achados, padece da contingência do olhar vigilante do professor, do diretor, da disciplina, da lei e da ordem, até mesmo dos pais. Com o bar, não, nada disso ocorre. É lá que o jovem dá o passo decisivo na sua emancipação ética. É lá que ele pode responder a pergunta: como vou ser quando crescer? É lá que ele se vê, de fato, independente.

Não considero aqui coisas como o perigo da bebida se vier com o descontrole, nem o oposto, ou seja, como lugar de desenvolvimento de virtudes essenciais. Importante ressaltar que o bar não é exclusivamente nem uma coisa nem outra do ponto de vista moral. O bar está no universo primeiro das escolhas emancipatórias do jovem. E é isso que importa.

Avaliemos um pouco mais a função do bar neste sentido. É aqui que o jovem se encontra realmente liberto e, por vontade própria, imerge num mundo formidável de elucubrações, construções de valores, arguições, pareceres sobre a vida, os hábitos, os comportamentos, as descobertas do sexo, do amor, do desejo. É o bar o território livre onde se realizam os encontros fortuitos, onde se forjam as amizades, onde se tecem

as redes de filiações, onde se apuram os gostos, onde nasce e se consubstancia parte significativa dos quadros de realidade com os quais conviveremos por toda a vida.

A atividade mundana, entre as quais a atividade artística e, mais especificamente a literatura, deve muito, desde sua constituição e afirmação no século XVIII, ao salão, ao café, à taverna. Cada um, a sua maneira, agremia e concilia o espírito criador às demandas artísticas e poéticas do seu tempo. Foi nos salões que o romantismo europeu criou fôlego e se impôs como movimento que mais aderiu à alma do jovem visionário e aspirante da eternidade. Foi nos cafés que ele se instalou e na taverna se embriagou de... poesia.

Antes de se isolar entre quatro paredes e escrever, o poeta observou o mundo e se envolveu com eles, agremiou-se e bebeu o vinho santificado, tal como Baudelaire nos versos de “A alma do vinho”, das *Flores do mal*:

*Não ouves retinir a domingueira toada  
E esperanças ungir em meu seio, febris?  
Cotovelos na mesa e manga arregaçada,  
Tu me hás de bendizer e tu serás feliz...*

Os jovens poetas do romantismo brasileiro que o digam. A arte do encontro se produziu na vocação primeira da taverna. Foi na taverna que o espírito de Álvares de Azevedo se abriu para a poesia, não só ele, mas toda a geração de românticos que a ele sucedeu e antecedeu.

Todo jovem tem alma de poeta, mesmo que não seja ou não venha a ser um de fato. A poesia é inconformista por princípio, e esse inconformismo aparece até mesmo em versos de amor virtuoso e casto. O bar, nessas circunstâncias, está entre

os primeiros e mais legítimos territórios onde se encenam o inconformismo, o infortúnio, o desabafo. É lá onde também se encontram o cúmplice, o parceiro.

É também no bar que o jovem desenvolve funções importantes no que diz respeito a coisas essenciais da vida, entre elas a argumentação, a conciliação, a negociação, o acordo, atividades sem as quais é impossível existir num mundo de complexidades provocadas pela linguagem. Não nos esqueçamos das memórias afetivas, que permanecem para todo o sempre, muitas delas emolduradas pelo bar e dentro de um copo.

“Garçom, me vê mais um chopp, por favor”.

## Anos 70

---

20 de julho de 2012

Fui criança e adolescente nos anos 70. Pra mim, aquela década foi definitiva em muitos aspectos, incluindo o mais relevante: minha entrada na universidade de letras e de jornalismo.

Aqueles anos foram chamados os anos de chumbo, por terem caído pesadamente sobre os brasileiros e que muito negativamente repercutiram já sobre a minha geração. Faço parte da primeira geração que sofreu o horror obscurantista de uma ditadura.

Dos anos 70, guardo minhas impressões sobre as transformações que se operavam na política, na cultura, na ciência, no comportamento, enfim, sobre coisas diversas, sobretudo pelas lentes do senso comum. O senso comum é uma modalidade do pensar: ele nasce e se arruma na multidão como verdade em busca de outra.

Naqueles anos, quando comecei a comprar os meus primeiros LP (*long plays*, os avós dos atuais CD, *compact disc*), ou as minhas primeiras fitas cassetes para escutar no meu gravador Aiko portátil, se dizia que a MPB estava ameaçada de morte, asfixiada pela música americana, principalmente o rock, tocado fartamente nas rádios FM, também invenção da





**Contato:**

[arruda.sergio@gmail.com](mailto:arruda.sergio@gmail.com)





## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond  
Pro pela Editora Penalux e impresso em  
papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2023.

---